

PENNA, AGULHA E COLHER

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alcêa (Caixa 49)

Supplemento da «Epoca» (Anno X)



Anno III

Florianopolis, 25 de Outubro de 1919

Num. 10

As Filhas de Maria e a moda

A's Filhas de Maria.

Temos reparado, com grande magua, que algumas F. de Maria, não obstante terem promettido, solenne e voluntariamente, imitar as virtudes da Santissima Virgem, temos reparado, digo, que algumas dellas se têm esquecido do seu honroso titulo, e da responsabilidade que assumiram, quando se alistaram nas fileiras gloriosas do exercito de Maria!

Todos os catholicos têm o dever inalienavel de dar bom exemplo ao proximo, bem o sabeis, Filhas de Maria!

Que dizer então de uma donzella que, mais que qualquer outro catholico, a todos deve edificar por suas virtudes, suas maneiras distinctas e seu correcto modo de trajar?!

E quem é essa donzella?

E's tu, Filha de Maria! Sois vós todas que quizestes, por vontade propria, ser admittidas na Pia União das F. de Maria!...

Ser Filha de Maria (vós bem deveis sabel-o!) não quer dizer usar simplesmente a fita com a medalha de Nossa Senhora, não! Ser Filha de Maria é ser imitadora das virtudes excelsas da Mãe de Deus, e principalmente daquellas que devem brilhar numa jovem, como seja a *modestia*, para só falar em uma.

Pois bem, para que não vos esqueçais dos encantos desta bella virtude, venho algo dizer-vos, nestas simples linhas, inspirada na caridade fraterna que nos deve unir aqui na terra, para mais facilmente ajudarmos, umas ás outras, a adquirir a virtude, afim de que não cheguemos com as mãos

vazias ao termo de nossa peregrinação por este valle de lagrimas.

Entremos claramente no assumpto.

Há muita differença entre — *seguir a moda* e *ser escrava da moda*.

Seguir a moda todas nós podemos, e somos até obrigadas mais ou menos a segui-la, conforme a nossa posição e as nossas posses, para não nos tornarmos *singulares*, pela nossa exquiritice; devemos, porém, evitar tudo quanto for excesso, por immodesto ou ridiculo.

A escrava da moda, pelo contrario, imita tudo quanto vê nos figurinos, quer seja simplesmente ridiculo, quer seja abertamente contra a modestia christã.

Respondei-me agora: pode uma Filha de Maria ser escrava da moda? E' isso bonito e digno de uma jovem que se preza?

Respondei, Filhas de Maria, e fazei depois o firme proposito de nunca ou nunca mais escandalisar o proximo com o vosso modo de trajar, para que a nossa bondosa Mãe do Céu não vos tenha de excluir do numero de suas filhas.

Talvez pense alguma de vós que é desnecessario o conselho, mas... será que nunca foi uma F. de Maria criticada, por usar decotes exaggerados, ou blusas quasi sem mangas, ou saias demasiadamente curtas?

Pensai, pensai um pouco, Filhas de Maria, e conclui si sois ou não culpadas.

Para bem comprehenderdes quão censuraveis são os excessos da moda, aqui vaõ, traduzido, o aviso que se encontra na egreja das Mercês, em Huelva:

«Adverte-se ás senhoras que os sacerdotes desta egreja se verão no duro transe de negar a Sagrada Communhão, como tambem a permanencia, no templo, ás senhoras que

Penna, Agulha e Colher

— Publicação semanal —

Assignaturas:

Anno 4\$000
Mez \$400

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

A assignatura annual para os assignantes da «*Época*» custa 2\$000.

vistam blusas decotadas, transparentes ou de mangas curtas, e saias tão estreitas que as privem de ficar decorosamente de joelhos.»

Lestes, Filhas de Maria?

E achará alguma de vós, ainda, que é uma cousa sem importancia o modo de trajar?...

Cuidado, pois, Filhas de Maria: que a vossa fita não seja *fitá*, para que continueis a merecer o honroso titulo de filhas predilectas da Mãe de Deus, a excelsa creatura que mereceu, por sua illibada pureza, a honra inaudita de dar ao mundo o Salvador!

Zenir Alcêa.

Creadas aristocraticas

Comédia em 3 actos

Adaptação de *Edésia Aducci*

—o—

PERSONAGENS:

D. Emilia Dalben, baroneza.

Zuleika, sua filha.

Amelia, Anastacia, Genoveva e Anna, creadas

Baroneza Flériot.

Condessa Zurbaran.

Wilma, amiga de *Zuleika*.

SCENA VIII—

As precedentes e Wilma.

Wilma — (entrando) Peço que se agrupem de novo!

B. Flériot — Para que, menina?

Zuleika — Desejamos muito tirar de novo o retrato, porque o outro não prestou.

D. Emilia — Mas aqui neste quarto, *Zuleika*?

Zuleika — Aqui mesmo, mamãe; não faz mal.

Genoveva — Ora seja!

C. Zurbaran — E que distico será collocado na nova photographia?

B. Flériot — Façamos assim: serão photographadas só a *Baroneza Dalben* e sua filha e suas empregadas, e então poderemos collocar no quadro o distico: «Reunidas na maior harmonia!»

Zuleika — Boa idéa teve a Sra.!

Wilma — Peço então que tomem a posição em que desejam ficar. (Arrumam-se)

B. Flériot — (às tres creadas) Façam um rosto alegre, por favor, e não abram a bocca!... Assim!... Assim!... Agora, *Wilma*!

Wilma — (que já tinha preparado a machina) Prompto! Obrigada! Espero que desta vez fique muito bom!

Genoveva — Boa Senhorita, quando, daqui a dois annos, se realizarem dois casamentos nesta casa, a Senhorita precisa voltar com essa machina, ouviu, *D. Wilma*?

Wilma — Como? Dois casamentos, daqui a dois annos?

Genoveva — Sim, Senhorita, quando o Antonio acabar o serviço militar, e o Max voltar da Capital um perfeito jardineiro, os dois virão buscar *Anna* e *Anastacia*. (As duas olham-se e riem, envergonhadas.) A velha não é tola, não!

D. Emilia — Si as duas se comportarem bem, isto me alegrará immensamente, e eu mesma collocarei em sua cabeça a corôa nupeial; além disto faremos uma grande festa no dia do casamento.

Zuleika — E *Amelia*, *Wilma* e eu sere-mos testemunhas!

Anastacia — Que felicidade!, si isso acontecesse!

Anna — Ah! como nos alegraremos nese dia!

B. Flériot — O principal agora não é que levem a formar castellos no ar, mas que se comportem muito bem, para se tornarem dignas da protecção de tão boa senhora.

C. Zurbaran — E quanto nos consola o possuirmos bons e fieis criados!

Amelia — Porém nada há melhor do que uma boa patrôa!

Genoveva — (commovida) Ora seja! Isto faz a gente ficar commovida, e o Miguel, meu marido, tambem diria o mesmo! Ora seja!... (Limpa com o avental uma lagrima.)

Cae o panno.

FIM.



Diario da Filha de Maria

Eu, dizia uma mulher, só peço — poder soffrer com *Jesus*, — para que a maior parte da minha dôr seja distribuida em pro-dos transviados.

E no heroismo da sua abnegação continuava:

Nossa Senhora de *Lourdes* não disse a *Bernadette* que rezasse pelos doentes, mas — pelos peccadores. A minha maneira de pedir por elles é essa.

E' a melhor.

Assim, si o soffrimento vier ter connosco, façamos o bello gesto da offerta voluntaria, porque então:

O que se chama um *mal* se tornará um

mal. O que se chama *tristeza* se mudará em

gria. O que se chama a *dôr* se transformará

em *delicia*.
Oh! meu Deus, já que tenho de soffrer,
fazei com que soffra comvosco, em vós e
em vós!
(Extr.)

DOMINIOS DA ESPHINGE

(9.º torneio charadistico)

Outubro, Novembro e Dezembro

Tres premios ás vencedoras

25—27) SYNCOPADAS

A' Heloisa.

3—A hortaliça foi comida pelo ani-
mal—2.

3—Este rapaz é muito sincero—2.

3—Aquella peça de metal cahiu da en-
fiada—2. Z. A.

—«O»—

28—30) APHERESADAS

A' Diva d'Alva.

3—Naquelle navio ficou o animal—2.

3—Aquella quantidade de pão foi re-
duzida a zero—2.

4—Aquelle encosto parece feito por um
ser sobrenatural!—2. E. A.

7) ANCILLA DOMINI

Eugenio e Celina

—Psiu!... Fala baixo, a sogra pode ou-
vir. Si eu ousar?! Ouso até mais si necessa-
rio fôr: Si não bastarem as insinuações dis-
cretas, nada me pode impedir de forjar um
rico romancesito em que a minha Celina se-
rá a protagonista. Ah! vingo-me emfim de
todas as tuas desfeitas; ou has de ser já mi-
nha esposa, com a tua reputação immacula-
da, ou mais tarde me has de implorar de jo-
lhos que te tome por esposa, para te livrares
da pecha que sobre teu nome ha de pairar;
escolhe, dou-te um mez para reflectir.

Celina torcia as mãos desesperada; qual
a mulher que se vendo ameaçada naquillo
que mais preza, a sua reputação honesta e
honrada, não se sente tomada de terror dian-
te da perspectiva de a perder?

Ha tanta tendencia para se acreditar no
mal... Si Augusto fizer o que diz, breve to-
dos a olharão com máus olhos, apesar de
sua consciencia branca e pura!

Celina custou a responder, seu coração
batia acceleradamente, uns principios de ver-
tigem lhe subiam á cabeça, mas dominando-
se afinal, disse:

—Augusto, esta infamia não a farás,
não é possível! Tu me viste crescer innocen-
te e pura á sombra de um lar feliz então,

eu era uma criança quando te casaste...
tens filhas... em nome dellas eu te implo-
ro...

Lgrimas ardentes correram-lhe em bor-
botões...

Era a primeira vez que Augusto a via
assim humilhada diante delle, implorando com
brandura feminina, ella sempre tão altaneira!

Um fulgor infernal lhe brilhou nos o-
lhos; tinha encontrado emfim a corda sensi-
vel, a parte vulneravel d'aquelle coração blind-
ado!

—Juro-te que executarei a minha amea-
ça si não fôres minha!—e accrescentou vi-
torioso:—e terei a certeza de que nunca
te casarás com outro, porque não ha homem
capaz de esposar mulher de reputação infa-
mada. Estás resolvida agora a obedecer a
tua mãe, Celina?—perguntou com inflexão
melliflua e em voz alta para ser ouvido pela
sogra.

A moça porém já havia subjugado a
rapida emoção, reflectiu um instante e offe-
gante ainda disse pausadamente a meia voz:

—Nunca Celina será tua esposa! Tenho
por mim a consciencia e a tua peçonha im-
munda não a poderá manchar aos olhos de
meu Deus e Senhor; o mais é-me indifferen-
te.

Assim dizendo, retirou-se da sala alta-
neira e donairoza como uma princeza.

Não extranhara D. Emilia os prolonga-
dos e animados colloquios de sua filha com
Augusto, estava já affeita a essas scenas e
nem procurava indagar do que se tratava;
demais, resentida com Celina, raro lhe diri-
gia a palavra a não ser para descarregar na
filha todo o peso de seus terriveis nervos.

Com tanta pressão externa, com tamanha
amargura d'alma, começou a saude da moça
a periclitar. Aos vinte annos appareceram-
lhe os primeiros fios de prata na cabelleira
de azeviche, reveladores de arduos comba-
tes, de grandes dissabôres. Momentos havia
em que tudo eram trevas na alma da infeliz
donzella: Estaria em erro? deveria talvez
ceder? pensava ella com indizivel terror...
e si a mamãe enlouquecer?

—Não me abandoneis, Senhor—excla-
mava Celina com agonia n'alma.—Dae-me
coragem, que eu já não resisto mais a tanta
coisa junta... Ah! si eu pudesse morrer
antes que Augusto execute a sua ameaça!
Meu Deus, meu Deus! que será de mim si
elle o fizer!? E si... E si nada mais existir
depois da morte?... então o suicidio seria
uma boa coisa... Que digo eu? Senhor, per-
doae-me!...—e arrependida, revigorava sua
alma num acto de amor de Deus feito com
toda a aridez, sem o minimo sentimento de
consolação.

E começava assim cada dia de lutas a-
pós exhaustivas noites de completá insom-
nia.

Por esse tempo, attingiu a tal gráu a
irritabilidade nervosa de D. Emilia para com
a filha, que o velho facultativo da familia
chegou a temer que se desse inteira aliena-

ção da senhora, si as coisas continuassem assim. Com todo o serio mandou a Celina que escolhesse entre os dois alvitros: ou obedecer e casar, ou separar-se por algum tempo da doente, até que esta se avigorasse e se tornasse mais calma.

Opinou Celina por esta ultima prescrição, e estava já resolvida a passar tempos em casa de uma amiga, quando cahiu ella propria gravemente doente. Esteve a joven ás portas da morte, e ao saber disso sentiu-se tomada de enorme e sincera alegria. Acheu então rapidos e leves os seus soffrimentos, que iam lhe valer uma felicidade sem fim. Preparada para morrer, perdoou de todo o coração aos causadores de suas torturas moraes e cheia de jubilo esperava a vinda de seu Jesus.

Para D. Emilia foi essa molestia da filha salutar derivativo: seus nervos acalmaram como por encanto. Recciosa de perder Celina, foi durante toda a molestia della de dedicação sem igual: o coração despertado curou-lhe o systema nervoso.

Deu-se tremendo duello entre a molestia e a robusta juventude de Celina; quando porém, um dia, ouviu ella ao doutor que exclamava satisfeito: «está salva!» sentiu-se tão profundamente triste e acabrunhada que não poude reter as lagrimas.

— Que! — pensava ella — terei que continuar a vida infernal que levava, depois de ter prelibado a celeste paz? E aquella terrivel ameaça de Augusto!... Ah! meu Deus, porque não morri agora?

A pobresinha, extremamente debilitada, temia o combate que de novo a esperava, um profundo tediô negro lhe ennevoava a alma, era um torpor de convalescente, mal todo physico, mas que pesa como um rochedo sobre as faculdades da alma.

Tendo o medico preconizado uma estação de aguas, agarrou-se Celina, qual naufrago, a essa taboa de salvação que havia de a livrar, por algum tempo, ao menos, da presença do cunhado.

As relações entre mãe e filha pouco melhoraram após o restabelecimento da doente. Continuava D. Emilia a guardar certo rancor á filha, de modo que se lhes tornava bem penosa ás vezes a convivencia constante.

— Um mez de treguas, de descanso! — pensava Celina em quanto o comboio corria, corria sobre os trilhos. — Depois quando eu voltar, o Senhor me ha de dar mais coragem, por certo não me abandonará...

III

EM CAXAMBÚ

Bem depressa estabeleceu-se intimidade entre a familia Nunes e Eugenio; o convívio diario, com aquella semcerimonia peculiar ás estações balnearias, veiu facilitar essas relações, que, em qualquer outra circumstancia, se teriam conservado em forma de mera cortezia.

Com o instincto do coração, adivinhou

logo Eugenio, em Celina, uma alma irman da sua; a avidez que sentia por encontrar quem o comprehendesse fê-lo derramar o coração todo, elle que sempre vivera isolado e mesto, expandindo em dolorosas confidencias todo o fel accumulado ali, desde a mais tenra infancia.

E Celina ouvia-o com piedade e sympathia.

Não é esse o principal dom da alma feminina, a comprehensão de toda dor, de todo soffrimento? Parecê que Deus estabeleceu eterna affinidade entre a cruz e a mulher, pois por toda parte onde um coração sangra e se esvae nas vascas da agonia, encontra-se compassiva, uma mãe, uma esposa, filha ou irman.

Assim o exara o Livro divino, que si na Ceia e no Thabor não menciona mulher alguma, declara no entanto no Calvario, e no percurso delle a grande maioria da presença feminina a assistir dolorosa e inconsolavel a terrivel agonia do Homem-Deus.

Compadecida Celina daquella infancia orphan de caricias, daquella vida toda sem ternura, retribuía a confiança de que lhe dava Eugenio provas, procurando sarar, com mão delicada e branda, aquella antiga ferida d'alma. Com a mais terna expressão, indicou-lhe a joven o manancial de toda doçura, onde poderia elle ter ido sorver, em longos haustos, o conforto necessario para supportar o isolamento de coração.

E Eugenio ouvia respeitosa e mansuetamente as manifestações que lhe fazia Celina de uma religião para elle nova e desconhecida.

Era esse o ensinamento christão? Era então essa a doutrina luminosa e consoladora que elle outr'ora tanto ouvira accusar e calumniar?

Sem prestar attenção aos sorrisos mais ou menos maliciosos dos que o rodeavam, procurava Eugenio sempre e sempre a presença de Celina. Tornára-se-lhe ella uma irman querida, quasi uma mãe, tal a veneração que lhe merecia.

Passaram-se semanas nessa agradável convivencia e mal percebiam os dois quão contrariada se mostrava D. Emilia, pela assiduidade do rapaz. Um dia não se conteve a senhora: julgando que aquillo podia dar em noivado, resolveu cortar desde logo a possibilidade disso.

A' queima-roupa dirigiu-se ella a Eugenio:

— Já tem o Sr. bastante intimidade conosco, para que lhe possamos participar o casamento de Celina: minha filha está prometida ao viuvo da irman.



Pede-se dirigir os pagamentos e pedidos de assignaturas á casa editora:

LIVRARIA OYSNE, Florianopolis
Rua 28 de Setembro N.º 8.